



UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Caroline Evelyn de Assis Coutinho

**REFLETINDO SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA NA CRECHE**

Rio de Janeiro

Julho/2011

Caroline Evelyn de Assis Coutinho

**REFLETINDO SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA NA CRECHE**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito obrigatório à obtenção do diploma de conclusão do curso de graduação.

Orientadora: Prof. Dra Adrienne Ogêda Guedes

Rio de janeiro

Julho/2011

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**REFLETINDO SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA NA CRECHE**

Caroline Evelyn de Assis Coutinho

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra Adrienne Ogêda Guedes  
Orientadora – UNIRIO

---

Prof. Dra Léa Tiriba  
Leitora – UNIRIO

Rio de Janeiro  
Julho/2011

Agradecimentos:

A Deus por mais essa conquista e a todos que sonharam junto comigo que esse dia seria possível.

A minha mãe pelo apoio incondicional.

A memória de meu pai tão presente e tão confortante em minha vida.

A minha orientadora Adrienne pelo ânimo, acolhida e dedicação.

A minha família que sempre acreditou em mim.

As minhas amigas Aline e Thaís pelas angústias e alegrias partilhadas ao longo desses anos.

E ao Claudio por me encorajar sempre que preciso.

Muito obrigada!

**“... sem a utopia de um mundo  
melhor a educação não teria sentido.  
O educador está comprometido com  
essa mudança.”  
(Silvia Barbosa)**

## Resumo

O presente trabalho tem a finalidade de abordar a importância da Educação Infantil, desde o seu surgimento até as diversas conquistas ao longo da história para se tornar a primeira etapa de ensino da Educação Básica em nosso país.

Destacar a relevância da brincadeira enquanto prática transformadora para a construção do conhecimento e desenvolvimento pleno das crianças é fundamental para a compreensão do conceito de infância.

Este trabalho também abarca algumas reflexões que pude gerar com base na minha formação acadêmica e alicerçada na minha vivência diária com crianças entre 2 a 5 anos de idade.

Palavras-chave: Educação Infantil, criança, brincadeira, prática.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Introdução .....   | 8  |
| 1. História e aspectos legais que tangem a Educação Infantil no Brasil .....               | 11 |
| 1.1 A história da Educação Infantil .....  | 11 |
| 1.2 A Educação Infantil no Brasil .....  | 13 |
| 1.3 Um breve histórico dos aspectos legais da Educação Infantil no Brasil .....            | 15 |
| 2. A importância da brincadeira como forma de exploração do mundo .....                    | 20 |
| 2.1 Uma breve contribuição da sociologia da infância para o entendimento de infância ..... | 20 |
| 2.2 A importância da brincadeira como forma de expressão do mundo pela criança .....       | 22 |
| 2.3 A brincadeira na escola como parte do processo de desenvolvimento da criança .....     | 25 |
| 3. A prática em questão .....  | 28 |
| 3.1 Apresentando a escola .....  | 28 |
| 3.2 O trabalho que desenvolvo na escola .....  | 29 |
| 3.3 Algumas experiências .....   | 30 |
| 3.4 Inquietações que surgiram a partir da prática .....                                    | 32 |
| Considerações Finais .....   | 36 |
| Referências .....  | 38 |

## Introdução

Quando ingressei na graduação do curso de pedagogia, não cogitava a possibilidade de concluir o curso com um trabalho referente à Educação Infantil pois, esta me parecia uma etapa de ensino em que as crianças apenas brincavam, formavam hábitos e se desenvolviam para depois sim, aprenderem.

Entretanto, no 4º período do curso tornei-me estagiária de um colégio confessional católico que atende crianças provenientes da classe média do bairro de Botafogo. Sendo assim tive a oportunidade de abolir definitivamente essa concepção de Educação Infantil, tão presente no senso comum que acredita que a Educação Infantil não é “escola de verdade”, pois lá as crianças brincam muito.

Será que “escola de verdade” é só quando é imposto às crianças lápis, borracha e caderno? Ou quando nas práticas às crianças são enfileiradas e usam livros didáticos? Ou quando as crianças passam a brincar menos e a copiar mais? Quando o corpo é castrado em nome da disciplina? A “escola de verdade” não será aquela em que a criança possa se desenvolver, construir, criar, trocar, aprender e sonhar? Tais questões me instigam a pensar a própria identidade da Educação Infantil e as características próprias da criança de 0 a 5 anos de se expressar e conhecer sobre si mesma e sobre o mundo.

Nesse sentido, é importante considerar o significado da brincadeira e do brincar para a criança. Muitos são os autores que pesquisam esse campo e nos permitem compreendê-lo mais amplamente. O brincar é fundamental para um bom desenvolvimento físico e psíquico, é a partir dele que as crianças compreendem o mundo, internalizam regras, aprendem a se colocar no lugar do outro e a respeitar o outro. Ou seja, a brincadeira é um processo de aprendizagem!

Nessa perspectiva, considerando o próprio brincar como forma de conhecer/aprender, percebo que a partir de minha prática diária com crianças entre

2 a 5 anos posso constatar que aprendizagens significativas ocorrem em diversos espaços não formais (jardim, parque, pátio, cozinha e etc.) e através das brincadeiras, pois é a partir da contemplação, da percepção, da investigação e da interação com o outro que a criança dá sentido a tudo que aprende.

Tendo essas questões como norteadoras, abordarei neste trabalho a minha prática como auxiliar de desenvolvimento infantil<sup>1</sup> na escola anteriormente mencionada, em que sou responsável por ministrar oficinas de culinária e do meio ambiente<sup>2</sup>. Nestas oficinas tento colaborar para que as crianças usem e abusem da curiosidade e que a mesma seja uma mola propulsora para dar sentido aos saberes que produzimos em cada atividade.

É a partir destas experiências vivenciadas nestas oficinas que quero refletir a respeito de minha própria prática, pois estou me formando e acredito na necessidade de nos constituirmos como professores pesquisadores, que se inquieta e busca melhorar sua práxis<sup>3</sup>.

Durante esses anos tenho tido a oportunidade de pensar e repensar minha prática com base nos conhecimentos construídos e reconstruídos como estudante de pedagogia. Confesso que a angústia, o medo, a alegria, a esperança, os erros e os acertos fazem parte desta minha jornada e acredito que sempre fará parte do meu trabalho. Talvez aí esteja o encanto de ser educador, nada é definitivo, a todo instante se ensina e a todo instante se aprende. Ser educador é um eterno recomeçar...

---

<sup>1</sup> Esta função foi criada pelo setor de RH do colégio pois desenvolvo um trabalho de professora de creche (ajudo na alimentação, higiene, desenvolvo atividades recreativas e ministro oficinas) mas como ainda não sou formada não posso usar o título de professora.

<sup>2</sup> O integral funciona basicamente da seguinte maneira: As crianças possuem atividades extracurriculares: aulas de capoeira, inglês e de música (duas vezes por semana cada) com duração de 50 minutos e as oficinas de meio ambiente e culinária (que ocorrem duas vezes por mês cada) e de pintura (duas vezes por semana) com duração de aproximadamente 30 minutos. Para a execução de todas as atividades (incluindo alimentação, banho e recreação) conto com a ajuda de uma auxiliar.

<sup>3</sup> A palavra é de origem grega e basicamente é a transmissão de um conceito para a prática, ou seja, vivenciar essa teoria na prática.

Para realização deste trabalho utilizo a contribuição de autores que investigam o universo da Educação Infantil dialogando com as minhas observações e reflexões enquanto estudante de pedagogia e educadora neste segmento, sendo assim esses foram os meus instrumentos de trabalho. A minha pesquisa é exploratória pois a leitura foi fundamental para o aprofundamento no assunto e descritiva já que no terceiro capítulo descrevo a minha prática.

No primeiro capítulo faço um resumo sobre a história da Educação Infantil até chegar ao tópico do surgimento da mesma no Brasil e finalizo com um breve resumo dos aspectos legais que norteiam a Educação Infantil em nosso país. No segundo dialogo com autores que investigam a importância da brincadeira para o desenvolvimento das crianças. No último capítulo faço uma reflexão respaldada pela teoria e por minhas práticas como auxiliar de desenvolvimento infantil.

Deste modo espero que este trabalho possa contribuir para a reflexão da luta histórica para a constituição da Educação Infantil e da importância de se pensar a criança como um sujeito histórico social que interage com o mundo transformando-o e se transformando para a construção de uma sociedade melhor.

## **Capítulo I**

### **História e aspectos legais que tangem a Educação Infantil no Brasil**

O capítulo a seguir tem como finalidade elucidar brevemente a trajetória da Educação Infantil. Possui três tópicos: o primeiro diz respeito a história da Educação Infantil, o segundo refere-se a história da Educação Infantil no Brasil e no terceiro abordo os principais documentos que regulamentam as leis desta modalidade de ensino em nosso país.

Acredito que seja importante conhecer a origem para compreender melhor as questões que tangem atualmente a Educação Infantil possibilitando assim uma reflexão a respeito do tema.

#### **1.1 A história da Educação Infantil**

Na sociedade feudal (Idade Média) não existia um conceito de criança como o que conhecemos nos dias atuais. A criança era compreendida como um pequeno adulto, sendo assim realizava as tarefas como os demais adultos.

Quando completava sete anos de idade a criança era levada para viver com outra família e aprendia a realizar tarefas domésticas e aprendiam valores humanos através do que vivenciava. Os colégios que haviam eram religiosos e cuidavam apenas da educação de clérigos de quaisquer idades (especialmente os do sexo masculino).

Por volta do século XVI aumenta a expectativa de vida (da classe dominante) e surgem duas concepções de criança. Uma é que a criança é um ser incompleto que necessita do adulto para tornar-se um ser moral. Já a outra acreditava que a criança é um ser inocente que era mimado pelos adultos.

Os movimentos intelectuais que aconteceram na Idade Moderna colaboraram para as mudanças sociais e intelectuais que transformaram a concepção que se tinha até então da criança.

Com o ápice da burguesia a criança passa a ser vista como um ser que precisa de cuidados e de escolarização para exercer uma atividade no futuro. Sendo assim essa função é passada para os colégios que aceitavam alunos do sexo masculino de todas as classes (as meninas só passam a ter acesso a educação a partir do século XVIII) porém havia a educação para os ricos e a educação para os pobres (as classes não se misturavam).

É interessante salientar que é neste período que surgem os castigos corporais que são utilizados tanto na escola quanto pelas famílias tendo em vista que a criança estava pautada sob uma perspectiva de incompletude, sendo assim era legitimado o poder dos adultos sobre as crianças a fim de ajustá-la à sociedade.

As primeiras creches surgem para atender os filhos das mulheres que trabalhavam nas fábricas e não tinham com quem deixá-los.

"Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação de creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13)

Na segunda metade do século XVIII foi adiado o ingresso das crianças nas escolas pois as crianças eram entendidas como incapazes desta forma o ingresso passou a acontecer aos dez anos de idade. É importante ressaltar que é neste período que acontece a ascensão do sistema capitalista que concebe a criança

como um ser improdutivo que precisa dos cuidados de um adulto para tornar-se produtivo no futuro.

"A educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão de 30. Seu principal objetivo era o de garantir empregos a professores, enfermeiros e outros profissionais e simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carente de dois a cinco anos de idade." (Kramer, 1982, p.26)

Somente após a segunda Grande Guerra Mundial é que a Educação Infantil (o atendimento pré-escolar) ganhou um novo estímulo já que as mulheres passaram a trabalhar na indústria. Sendo assim houve uma preocupação maior com o desenvolvimento sócio-emocional da criança o que gerou o aumento de estudos referentes ao desenvolvimento infantil.

### **1.1 A Educação Infantil no Brasil**

No período do Brasil escravocrata havia uma distinção bem nítida entre a criança branca e a criança escrava, pois a criança branca por volta dos seis anos de idade começava a ter aulas de gramática, língua, matemática e boas maneiras enquanto que a crianças escrava da mesma faixa etária já trabalhava.

Com o fim da escravidão alguns grupos passam a se preocupar com a questão dos cuidados com as crianças. Um fato curioso é que no Brasil o aparecimento das creches populares aconteceu de modo peculiar do restante do mundo pois aqui as creches atendiam os filhos das operárias e das empregadas domésticas e recebiam apenas cuidados higiênicos e alimentação. Essas creches eram chamadas de Casa dos Expostos ou Roda.

No ano de 1919 foi fundado o Departamento da Criança no Brasil que foi mantido através de doações já que o Estado não cumpria (como até não cumpre plenamente) com suas responsabilidades. Este departamento cuidava basicamente das crianças e gestantes pobres e promovia estudos através de congressos, publicação de boletins e estatísticas sobre a mortalidade infantil.

Na década de 1930 a criança passa a ser valorizada, pois esta é concebida como um futuro adulto em potencial e deste modo surgem diversos órgãos que respaldam juridicamente e assistencialmente a criança como, por exemplo, a FUNABEM (Fundação de Bem Estar do Menor) em 1964. Obviamente essa onda de bem-estar não atingiu a todos pois muito se falou mas pouco se atuou para uma efetiva mudança nas políticas sociais referentes a criança em nossa sociedade.

Entretanto nas décadas de 1960 e 1970 são implementadas diversas políticas na saúde, educação e etc. e em 1970 devido a uma crescente reprovação e evasão escolar das crianças das classes populares é instituída a educação pré-escolar com educação compensatória que atendia crianças entre quatro e seis anos de idade com o intuito de abastecer as carências culturais das crianças pobres que não recebiam "cultura"<sup>4</sup> de suas famílias e por isso estavam fadadas ao fracasso escolar e a pré-escola deveria qualificar essas crianças entretanto essa pré-escola não contava com profissionais capacitados (muitas vezes as pré-escolas contavam com a ajuda de voluntários) sem falar nos salários baixos...

Um outro fato alarmante é que enquanto as creches públicas mantinham o caráter assistencialista, cujo foco era os cuidados com a higiene e alimentação basicamente as creches particulares utilizavam propostas que favoreciam a criatividade, a sociabilidade e a preparação para o 1º grau (atual Ensino Fundamental).

Na década de 1980 a educação pré-escolar enfrenta mais obstáculos: falta de professores com qualificação, ausência da participação das famílias e da sociedade em geral, a preocupação exacerbada com um ensino meramente preparatório para o 1º grau.

---

<sup>4</sup> A "cultura" de que me refiro é a escolarização pois para o senso comum uma pessoa com alto nível de escolarização possui mais cultura do que os que possuem menos tempo de escolarização. O que é um grande equívoco já que o conceito de cultura é amplo e envolve todos os tipos de produções feitas pelo homem (arte, arquitetura, vestuário, alimentação, etc.) sendo assim todos possuímos cultura.

Após debates, congressos e a Constituição Federal de 1988 passa a ser um direito da criança e um dever do Estado. Já que a Educação Infantil passa a fazer parte da primeira etapa de ensino da Educação Básica. Seguindo essa perspectiva a criança agora é vista como um ser social e remove a ideia da educação compensatória como solução para o sucesso no 1º grau dos alunos pobres.

### 1.3 Um breve histórico dos aspectos legais da Educação Infantil no Brasil

Devido ao industrialismo e a rápida urbanização das cidades no Brasil surge uma questão social no que se refere à criança: As condições precárias que se encontravam os filhos das camadas populares. Daí surge à necessidade de se pensar na infância, já que as crianças ficavam praticamente “ao Deus dará”, pois ficavam sob o resguardo do Estado ou de entidades filantrópicas.

“O marco do sistema de intervenção social na infância foi o Código de Menores de 1927. Ao tornar visível a infância pobre, esse código o faz no âmbito legalista, como área de competência jurídica própria, o que representou, para a época, um importante avanço.”(Nunes, 2007, p. 2)

Esse código apesar de dual organizou os direitos civis já que assegurava os direitos das crianças adotadas, o que significou um grande avanço para a sociedade da época.

Outro documento de suma importância para garantir o direito à Educação Infantil das crianças brasileiras é a Constituição Federal de 1988 que afirma o dever do Estado e opção da família.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivada mediante a garantia de:

IV. atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade.

“Essa constituição representa uma valiosa contribuição na garantia de nossos direitos. Justamente por ser fruto de um grande movimento de discussões e participação popular, intensificado com o processo de

transição do regime militar para a democracia, a Constituição traz avanços em diferentes áreas do viver em sociedade." (Leite Filho, 2001, p. 31)

Sendo assim, a Constituição Federal de 1988 é um marco para a promoção dos direitos das crianças neste país. Pois a partir de nossa Carta Magna é que nossas crianças passam a ter "voz" de modo mais efetivo em nossa sociedade.

Uma lei que significou outro grande avanço foi a lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) já que traz a compreensão da criança (e do adolescente) como sujeito histórico-social, sendo assim considerando-a cidadã e por isso possuidora de direitos. Nas palavras de Leite Filho, "Esta lei contribuiu com a construção de uma nova forma de olhar a criança [...] Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar e de opinar." (2001, p. 32)

Um artigo do ECA que resume o ideário desta lei é :

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Outro documento importante para a Educação Infantil foi a Política Nacional de Educação Infantil que foi desenvolvido na década de 1990 pela Comissão Nacional de Educação Infantil (CNEI). Nas Diretrizes Pedagógicas deste documento está que: "[...] o referido documento se refere a duas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar. A criança é concebida como um ser humano completo." (Leite Filho, 2001, p. 34)

Acredito que esse seja um dos pontos mais polêmicos da Educação Infantil pois muitos educadores acreditam que existe uma segregação entre o educar e o cuidar, já que nesta visão cartesiana corpo e mente são dois pólos bem diferentes. Nesta situação nos deparamos com dois equívocos, um entre educar e ensinar tendo em vista que educar está para além de ensinar conteúdos didáticos. "[...] cuidar é educar, é acolher a criança, encorajá-la em suas descobertas; é ouvi-la em suas necessidades, desejos e inquietações; apoiá-la em seus desafios, reconhecendo-a como sujeito das práticas que a ela se dirigem." (SUBSÍDIOS PARA

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS ESPECÍFICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 2009, p.26)

Educar é colaborar na formação do sujeito como um todo. O outro equívoco está na associação de que o cuidar na Educação Infantil seja apenas os cuidados alimentares e a higiene. E já que os professores estudaram para ensinar...

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei Nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996) é uma grande conquista especialmente para a Educação Infantil pois cita esta etapa de ensino como a primeira etapa da educação básica em que a idéia de desenvolvimento integral está embutida no documento. Outro avanço que a LDB trouxe foi quanto à avaliação já que:

“Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.”

Devido a minha experiência em escola particular percebo que este artigo é ignorado tanto pelos professores quanto pelos pais que cobram atividades de treinamento (exercícios pré-alfabetizadores) por acreditarem que só assim a criança terá êxito no Ensino Fundamental. Desta forma a Educação Infantil torna-se preparatória que visa o ponto de chegada: as Séries Iniciais do Ensino Fundamental menosprezando atividades como por exemplo: brincadeiras, pintura, leitura (mas não do texto como pretexto para trabalhar as “letrinhas”) em nome de uma “adutilização”, pois “a criança do Ensino fundamental tem que ser responsável”, “primeiro o ‘trabalhinho’ depois a brincadeira”.

É importante mencionar (apesar de não ter nenhum valor legal) o RCNEI (Referencial Nacional para a Educação Infantil) publicado pelo MEC em três volumes traz sugestões de trabalho para os professores porém tornou-se um recuo já que os progressos até então conquistados pelo governo eram em parceria com a sociedade como cita Leite Filho: “[...] este documento significou um retrocesso no que vinha se dando no Brasil de o governo com a participação da sociedade civil, construir uma política de educação para as crianças pequenas.” (2001, p. 41)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) leva em consideração os direitos das crianças enquanto seres sociais que são. O objetivo deste parecer é orientar os projetos pedagógicos e as propostas curriculares e instituir modelos para uma educação de qualidade.

"Hoje, pelo ordenamento legal, temos assegurada no Brasil uma concepção de criança cidadã e de educação infantil como direito da criança. Isto não assegura, no entanto, que a realidade das crianças brasileiras tenha mudado, nem mesmo que as creches e pré-escolas tenham modificado suas propostas e seus trabalhos pedagógicos no sentido de, coerentemente com novas leis e diretrizes, desenvolverem um cuidar das/educar as crianças de acordo com uma pedagogia cidadã [...]" (Ibid, 46)

Deste modo, percebemos que o progresso da concepção de infância foi uma jornada trabalhosa e que precisa ainda hoje de continuidade para que cada vez mais crianças possam ter seus direitos preservados.

Nas Diretrizes realizada pela equipe da professora Sonia Kramer, como encomenda do MEC é possível ter um panorama geral da situação da Educação Infantil em nosso país nos últimos anos.

Uma grande conquista para a Educação Infantil foi a aprovação em 2007 do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) já que trouxe um aumento significativo de verbas o que gera uma melhora na qualidade de oferta para este segmento de ensino.

O texto destaca a valorização que a LDB trouxe para os professores(as) pois neste documento está a formação mínima exigida (Ensino Médio – modalidade normal) para a atuação, tendo em vista que antes a função era exercida por qualquer pessoa. Institui o piso salarial nacional para os professores da rede pública (Educação Básica), ou seja, os professores de Educação Infantil passam a ter os seus direitos assegurados pela lei.

A ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) tem seu papel destacado no texto, pois sua atuação em prol da inclusão

da Educação Infantil na CF/1988, na LDB e em estudos e pesquisas dão ênfase à importância de pensarmos a criança como um ser social pleno e acrescenta que o objetivo da Educação Infantil é favorecer o desenvolvimento total da criança e ainda declara o seu comprometimento com as questões políticas educacionais referentes à infância.

É pertinente salientar que a produção de conhecimento sobre a Educação Infantil envolve estudos de diversas áreas do conhecimento (psicologia, antropologia, história, sociologia entre outras) que contribuem significativamente para uma educação de qualidade que atenda as especificidades desta faixa etária.

## Capítulo II

### **A importância da brincadeira como forma de exploração do mundo**

Este capítulo abordará brevemente a contribuição da sociologia da infância para a compreensão do termo infância, irá expor a importância da brincadeira como mecanismo de expressão e de conhecimento de mundo para a criança e a necessidade da brincadeira para o desenvolvimento psíquico e social da criança.

Sendo assim buscará refletir sobre a importância e a legitimidade que a brincadeira deve ocupar (especialmente no espaço escolar) no cotidiano das crianças.

#### **2.1 Uma breve contribuição da sociologia da infância para o entendimento de infância**

Para iniciar este capítulo, apresento a leitura de Borba (2005) que destaca o trabalho de James e Prout que são dois autores ingleses que colaboraram para a construção do campo da sociologia da infância que destacam princípios-chave para uma nova percepção da infância, já que entender a perspectiva social que a criança ocupa em sua cultura é fundamental para refletirmos sobre as suas singularidades, sendo assim construímos saberes que possibilitam pensar à infância de um modo que reconheça o ponto de vista da criança

O texto de Borba apresenta cinco princípios-chave para a compreensão deste novo modelo de infância (em que a criança é concebida como um ser ativo e singular) porém destacarei dois princípios por considerá-los mais pertinentes para este trabalho.

No primeiro princípio *a infância é compreendida como uma construção social*. Nesta perspectiva a infância deixa de ser entendida como uma fase de preparação para a vida adulta e passa-se a compreender a criança como um ser intencional que pensa e age sobre o mundo através da interação com outras pessoas.

Esta é uma contribuição muito significativa para compreendermos melhor o processo de formação da identidade da criança enquanto um ser que através de seus pensamentos e de suas ações transforma o mundo em que vive através do compartilhamento de diversos tipos de conhecimentos com os demais.

Sendo assim é necessário pensar que nesse processo de construção social, a criança é um sujeito ativo que participa de modo efetivo do seu próprio ingresso no mundo da cultura a partir de suas indagações e percepções do mundo que a cerca.

No terceiro princípio *as culturas e as relações sociais das crianças devem ser estudadas em si mesmas*, pois neste princípio a infância passa a ser investigada a partir das vivências e dos significados que as crianças produzem através de suas interações sociais já que estas são reprodutoras e produtoras da cultura da sociedade na qual fazem parte.

É interessante salientar que neste princípio há um reforço da ideia do princípio anteriormente citado, já que a criança é concebida como um ser pensante e atuante é importante que se compreenda como ela tece essas relações sociais com outras pessoas. A escola é um lugar propício para observar os comportamentos apresentados pelas crianças, pois lá as crianças vivem situações de conflito, angústia, alegria como também desenvolvem vínculos afetivos que possibilitam uma dinâmica enriquecedora para o seu desenvolvimento social.

Acredito que esses princípios ilustram a importância de se pensar a criança como um sujeito que pensa e age de modo singular transformando a cultura e conseqüentemente a sociedade através das interações entre si (criança com criança) e com os adultos.

"Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista." (Kramer, p.15)

É assim que é interessante pensarmos a criança como cidadã, um sujeito que pensa de modo particular as questões do mundo que está a sua volta. E através da imaginação, da brincadeira que a criança cria mecanismos de exteriorizar suas percepções de mundo e interage com tudo a sua volta.

## **2.2 A importância da brincadeira como forma de expressão do mundo pela criança**

Uma questão que acredito que seja pertinente abordar neste trabalho são as contribuições que a brincadeira proporciona já que a mesma possibilita que a criança conheça e expresse seu entendimento de mundo.

Mas afinal o que é brincar? Antes das ideias vindas do romantismo em nossa cultura brincar seria uma ação oposta ao ato de trabalhar, ou seja, brincar era visto como uma atividade que não era positiva. Essa ideia só foi mudada quando ocorreu a revolução romântica.

Uma interessante característica que nos apresenta Brougère (1998) é que o jogo não estabelece nenhum tipo de comportamento peculiar que possibilite diferenciar o lúdico de qualquer outro comportamento. Deste modo é por termos uma cultura (que possui um sistema de significações) é que interpretamos um comportamento como uma brincadeira.

"Para que uma atividade seja um jogo é necessário então que seja tomada e interpretada como tal pelos atores sociais em função da imagem que têm dessa atividade." (Bougère, 1998, p.2)

Um outro ponto que o autor destaca está alicerçado na psicologia, que nos dias atuais acredita que só é possível brincar porque possuímos uma série de ações

sistemáticas que nos possibilita aprender. É pouco a pouco que a criança se insere na brincadeira, a princípio (enquanto muito pequena) ela participa da brincadeira de modo mais passivo e no decorrer da aprendizagem de como se brinca ela passa a exercer um papel mais ativo. E passa a compreender melhor a dinâmica da brincadeira.

“A criança aprende assim a reconhecer certas características essenciais do jogo: o aspecto fictício, pois o corpo não desaparece de verdade, trata-se de um faz-de-conta; a inversão dos papéis; a repetição que mostra que a brincadeira não modifica a realidade, já que se pode sempre voltar ao início; a necessidade de um acordo entre parceiros, mesmo que a criança não consiga aceitar uma recusa do parceiro em continuar brincando.” (Ibid, p.2)

A cultura lúdica<sup>5</sup> é produzida através da participação da criança na brincadeira. Ou seja, ela só elabora uma cultura lúdica brincando. É através das experiências adquiridas (a partir das interações sociais) que a criança passa a atribuir significado a tudo em sua volta. É interessante salientar que a cultura lúdica não está fora da cultura geral já que a cultura lúdica recebe muitas influências da cultura geral (o ambiente, os objetos, a cidade em que vive, as regras impostas por seus pais em sua casa).

Do trabalho de Borba destaco os termos *enquadre* e *script* que colaboram para compreendermos melhor a complexidade da interação social que acredito que enriqueça essa discussão.

O termo *enquadre* está relacionado ao que acontece em uma situação interativa face a face. Basicamente o *enquadre* é o lugar no qual o observador deve encaminhar o seu olhar para analisar a situação interativa. Pois é através dos vestígios deixados por uma determinada situação é que compreendemos as manifestações de um discurso.

Na perspectiva de Goffman, o sujeito se encontra em uma determinada situação ele buscará entendê-la a partir dos meios que possui na sociedade para dar sentido ao que está acontecendo.

---

<sup>5</sup> Segundo Borba: “A cultura lúdica é, antes de tudo, um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível.” (1998, p.3) Ou seja, possuir e fazer parte de uma cultura lúdica é perceber que uma determinada ação é uma brincadeira o que poderia não ser identificado por uma pessoa que não faz parte desta mesma cultura.

O texto menciona também o termo script sociais que segundo a autora é de grande valia para entendermos como se produz e como se mantém uma conversa através da interação entre os indivíduos. A autora também afirma que alguns estudos estão investigando a brincadeira tendo como base o entendimento de script. Para esses estudos os scripts “[...] constituem um tipo de representação que contém informações causais, temporais, e espaciais que orientam os comportamentos de uma dada situação.” (Borba, 2005, p. 128)

Ou seja, os nossos comportamentos são direcionados por um script já que é nele que estão os conhecimentos comportamentais que possuímos. Sendo assim elaboramos uma sequência brevemente conhecida de situações que em determinados momentos precisariam ser preenchidas levando em consideração a situação interativa e as características tanto do ambiente quanto dos sujeitos que estão participando da situação.

Sendo assim destaquei esses termos neste trabalho com o intuito de refletir sobre a importância de compreendermos os processos de interação social, para que possamos observar de modo sensível essas interações, que as crianças exteriorizam no momento da brincadeira, no momento em que vão conhecendo, transformando e expressando os seus entendimentos de mundo.

É a partir das experimentações coletivas que ocorrem nas brincadeiras que as crianças assumem personagens e atitudes que colaboram para a organização de suas identidades, já que o ato de brincar envolve escolhas (como por exemplo brincar de quê? Com quem? E aonde?) que devem ser aceitas por todos os integrantes da brincadeira. É neste momento de negociação que as crianças tecem suas singularidades (do que gostam ou não gostam em uma brincadeira), pois:

“Brincar com outra criança não é uma atividade simples, que ocorre naturalmente bastando duas ou mais crianças se juntarem, por mais que assim pareça aos nossos olhos adultos. Ao contrário, envolve um complexo processo de construção e de negociação de significados, que só é possível quando existe uma base comum de conhecimento sobre a qual as crianças possam agir de forma colaborativa.” (Ibid, p. 129)

### 2.3 A brincadeira na escola como parte do processo de desenvolvimento da criança

Uma questão que me instiga é a visão que o senso comum tem sobre a brincadeira, tendo em vista que o ato de brincar é visto como um processo que está fora do processo pedagógico. Ou seja, a aprendizagem ocorre através de atividades dirigidas por um(a) professor(a) e o momento da brincadeira é considerado como um momento de puro lazer. Sendo assim, a brincadeira é posta em um lugar menos importante “[...] Esquecemos-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo particular.” (Brougère, 1998, p.2)

É a partir da brincadeira que a criança desenvolve habilidades que são fundamentais para o seu ingresso no mundo da cultura pois:

“A criança adquire, constrói sua cultura brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras do bebê, evocadas anteriormente, que constitui sua cultura lúdica. Essa experiência é adquirida pela participação em jogos com os companheiros, pela observação de outras crianças [...]” (Ibidem, p.3)

A escola é um espaço que propicia essa socialização desde a mais tenra idade já que lá ocorrem situações em que a criança aprende a esperar a sua vez, a lidar com a frustração da perda, com a alegria da vitória, a emprestar brinquedos.

“A criança, na interação com parceiros diversos busca construir sua identidade dentro de um clima de segurança, exploração e autonomia. Não é mera receptora de imagens elaboradas pela sociedade de consumo, mas alguém que se pergunta sobre o mundo, alimentando sua auto-estima. Isso exige um ambiente aberto a exploração do lúdico, em que os tempos escolares sejam adaptados aos ritmos de aprendizagem.” (Oliveira, 2002, p.50)

É interessante que a escola reflita sobre o papel e o valor que a brincadeira ocupa em seu espaço. Existe tempo para as crianças brincarem livremente? Ou as crianças estão sempre inseridas em atividades recreativas dirigidas?

“Os professores de creche e pré-escolas devem ser os primeiros profissionais na sociedade a reconhecer a brincadeira como um direito da

criança. O brincar é o caminho da aprendizagem na infância. Educação Infantil onde a criança não tem o direito de brincar está fadada ao fracasso.” (Leite Filho, 2001, p.55)

Como declara Filho o fracasso é uma conseqüência para a Educação Infantil em que o brincar não é permitido, ou na escola em que só se brinca para preencher o tempo vago ou porque a professora está ocupada com outra atividade. Há escolas de Educação Infantil em que crianças de três anos de idade são colocadas sentadas em sala de aula para cumprirem os exercícios de treinamento da coordenação motora em seus livros didáticos ao invés de explorarem outros modos e outros espaços da escola.

Não estou aqui defendendo que a escola deva ser um espaço exclusivo da brincadeira, para isso existem playgrounds, praças e etc. Contudo, friso que o brincar é sine qua non<sup>6</sup> para o processo de socialização e aprendizagem, por isso, que os profissionais de educação precisam reconhecer a importância da brincadeira para o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor de seus educandos. “A brincadeira proporciona a criação de regras, o compartilhar de conhecimentos, a vivência de papéis e acima de tudo um espaço privilegiado para a imaginação.” (Kramer, 2009, p. 119)

Mas será que é possível para um adulto trabalhar com crianças sem saber brincar? Não será por isso que a brincadeira muitas vezes é colocada em segundo plano?

Acredito que o profissional de Educação Infantil precisa ter um olhar sensível e atento para às brincadeiras das crianças, porque o que muitas vezes parece uma desordem total é apenas uma forma de expressar os vários papéis que as crianças assumem ao mesmo tempo porém sem deixar de ser elas mesmas...

Além do mais percebo com a minha prática diária que as crianças são bem receptivas e ficam bem contentes quando um adulto (neste caso eu) participa da

---

<sup>6</sup> O termo de origem latina nos remete a ideia de algo que seja essencial.

brincadeira como apenas mais um participante e não impondo a sua vontade e o seu modo de brincar.

Um dia no meu trabalho, as crianças brincavam de médico e eu me juntei a elas para ser a paciente, nossa foi uma verdadeira festa. Me deitei no colchão e logo apareceram “médicos e enfermeiras” para cuidar de mim. Um detalhe curioso é que perguntei: “o meu estado é grave?” e uma criança respondeu: “sim” e quando eu perguntava: “já posso receber alta do hospital?” e elas faziam um coro “não” e caíam na gargalhada.

Esse dia foi muito importante para melhorar a minha prática pois percebi que em alguns momentos posso (e devo) enquanto educadora fazer parte desse universo infantil e permitir que as crianças assumam o controle da situação partilhando de momentos de pura magia e aprendizagem para ambas as partes, já que assim como as crianças também aprendo a enxergar o mundo sob outra perspectiva. E neste momento criamos e recriamos o mundo...

## Capítulo III

### A prática em questão

Neste último capítulo apresento o trabalho que desenvolvo como auxiliar de desenvolvimento infantil com crianças entre 2 a 5 anos no integral (creche). E algumas reflexões respaldadas na teoria por autores que investigam a Educação Infantil.

#### 3.1 Apresentando a escola

O colégio é uma das escolas mais antigas da cidade foi fundado em 8 de dezembro de 1854 a pedido de D. Pedro II para atender as meninas da Corte com o intuito de oferecer instrução no próprio país evitando assim que elas fossem para a Europa enfrentando viagens perigosas, a ausência da família e que voltassem com costumes diferentes dos nossos.

É uma instituição de ensino confessional católica que atende a todos os segmentos da Educação Básica.

Dentro do Ideário da Educação Vicentina (que é a irmandade a qual a escola pertence) a proposta prega: a pedagogia do amor, a solidariedade, a formação dos valores éticos e cristãos e um ensino de qualidade que forme o cidadão reflexivo, crítico, livre e fraterno.

O colégio atende (no sistema de creche) do maternal ao 5º ano do Ensino Fundamental (essas crianças ficam sob a tutela de uma outra professora). É

interessante ressaltar que as crianças convivem em um clima amistoso apesar de algumas brigas... Os mais velhos geralmente cuidam dos pequenos. Acredito que essa experiência de convivência (em algumas oportunidades como, por exemplo, na hora da entrada ou alguma atividade que integre o grupo da Educação Infantil e o do Ensino Fundamental 1) é valiosa para todos, pois possibilita uma troca de saberes, valores e muita diversão.

O ambiente físico da escola é extremamente agradável, o espaço da Educação Infantil é colorido e está cercado de muito verde. No centro do espaço ficam o parquinho e um jardim com algumas árvores (algumas frutíferas). Constantemente nos deparamos com esquilos, pássaros, gongolos, borboletas, gambás e uma vez apareceu um tucano que maravilhou a todos da escola.

### **3.2 O trabalho que desenvolvo na escola**

Desde que comecei como estagiária no colégio (em fevereiro de 2008) minha função é cuidar da higiene e alimentação das crianças, desenvolver atividades recreativas e ministrar as oficinas de: culinária, horta e sucata (essas duas últimas oficinas foram substituídas pela oficina de meio ambiente) para as crianças que ficam em horário integral (manhã e tarde).

A oficina de culinária é realizada duas vezes por mês, ocorrendo de modo intercalado com a oficina de meio ambiente às segundas-feiras. Nesta oficina percebo o envolvimento e a alegria das crianças no preparo de cada receita, todas querem ajudar a “mexer” a por os ingredientes, a sentir os aromas...

Esta oficina já existia quando comecei a trabalhar no colégio. A grande questão que me provoca uma profunda inquietação (especialmente) nesta oficina é: Será que meu trabalho está colaborando de forma gradativa para o desenvolvimento destas crianças? Ou será que estão apenas “decorando” receitas?

A proposta desta oficina é proporcionar às crianças um ambiente em que é permitido: experimentar, medir, contar, transformar sem o fantasma do erro, já que muitas vezes erramos as receitas mas mostro sempre (que possível) que o “erro” pode ser concertado e a “receita” ser “salva”.

A ideia para a criação de uma oficina que investisse na exploração de assuntos ecológicos que despertam a curiosidade das crianças foi minha, tendo em vista que com o passar do tempo fui percebendo o verdadeiro fascínio que a natureza exerce sobre as crianças.

### **3.3 Algumas experiências**

A ideia de uma oficina que “ouvisse” o que as crianças realmente queriam saber surgiu quando percebi o interesse especial das crianças pelos gongolos (algumas apenas observavam, outras precisavam pegá-los nas mãos e ainda tinham as que os esmagavam). O aparecimento de um gongolo no pátio, no banheiro ou em qualquer outro espaço da escola era um verdadeiro acontecimento.

Esta oficina foi um verdadeiro alvoroço. Antes de iniciar a atividade aconteceu um fato curioso: os gongolos que eram os seres mais fáceis de serem achados pelo colégio tinham desaparecido, e lá fomos nós (as crianças e eu) “caçar” gongolos... Foi uma verdadeira festa procurar por gongolos na escola!

Depois que encontramos três gongolos sentamos em forma de roda no pátio da escola e começamos a conversar sobre os mesmos. Algumas crianças percebiam característica enquanto eu segurava um dos gongolos e mostrava para a turma e contava curiosidades a respeito, como por exemplo onde vivem, o que comem, como se reproduzem. No terceiro momento fui passando o gongolo para que cada criança pudesse observá-lo melhor (houve crianças que não quiseram tocá-lo e isso foi respeitado) outras a princípio se esquivaram mas rapidamente seguravam e sorriam e outras que estavam afoitas para que chegassem a sua vez. No último

momento da atividade foi pedido que cada criança desenhasse o gongolo para registrar a atividade.

"As experiências devem ser de tal espécie que promovam uma participação alegre e curiosa das crianças, possibilitando-lhes o prazer de fazerem descobertas pelo próprio esforço. Assim, o ensino de Ciências estará integrando mundo, pensamento e linguagem, possibilitando às crianças uma leitura de mundo mais consciente e ampla [...]" (Moraes apud Satheres; Gracioli; Balconi; Vestena, p.4)

Após a atividade a coordenadora aprovou a oficina sobre os gongolos (que foi executada em meados do mês de setembro de 2009) e no ano seguinte surgiu uma nova oficina: a oficina do meio ambiente.

Deste tempo para cá trabalhamos os jabutis que também despertavam o interesse nas crianças (esses animais não vivem mais na escola), a água (o ciclo da água, desperdício, utilidade da água), poluição e etc.

Uma atividade que merece destaque é referente aos jabutis pois percebendo o interesse que as crianças tinham pelos jabutis (algumas maltratavam-os virando-os de cabeça para baixo, empurrando a cabeça para dentro da carapaça) elaborei um pequeno projeto para que conhecêssemos melhor os hábitos desses animais (expectativa de vida, alimentação, reprodução, predadores, habitat e etc).

Cheguei a conversar com o professor de biologia do colégio para combinarmos de um dia ele ir conversar com as crianças sobre os jabutis, ele se prontificou apesar de ter me avisado que os jabutis não eram a sua especialidade.

Entretanto o projeto não pôde ter continuidade, pois os jabutis foram encaminhados para o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis) e passaram por uma triagem que constatou que eles estavam com avitaminose (falta ou deficiência de vitaminas no organismo) e depois foram encaminhados para alguns zoológicos.

Sendo assim só tivemos uma oficina de meio ambiente sobre os jabutis, o que foi uma verdadeira lástima pois surgiram perguntas muito interessantes como por

exemplo: Se o jabuti ficar muito tempo de cabeça para baixo ele morre? O que acontece se o jabuti quebrar o casco (a carapaça)?

Anotei as perguntas das crianças e responderia na semana seguinte mas os jabutis foram embora antes...

Nesta única aula contei a história do livro "Tatá pede socorro" e percebi que as crianças assim como eu e os demais adultos (responsáveis e profissionais do colégio) não sabiam diferenciar jabutis, cágados e tartarugas. Aproximamos-nos da "casa" dos jabutis e expliquei brevemente as diferenças básicas entre as espécies já citadas. As crianças falavam: "Não é tartaruga, é jabuti!"

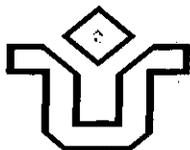
Atualmente me questiono se não deveria ter dado continuidade a este projeto de alguma forma, mas não saberia como pois a minha intenção era de que as crianças pudessem vivenciar de modo concreto todas as experiências que o projeto abarcaria.

Uma outra experiência que gostaria de narrar neste trabalho foi a oficina de culinária que realizamos este ano no dia das mães. Foi uma vivência muito interessante para todos os envolvidos. As mães e as crianças foram convidadas a passarem uma parte da manhã na escola preparando uma deliciosa receita de biscoitos. A maioria das mães "colocaram as mão na massa" juntamente com as crianças e confeccionaram biscoitos de variadas formas e tudo isso ocorreu em um clima de muita alegria, especialmente por parte das crianças.

### **3.4 Inquietações que surgiram a partir da prática**

Durante esses anos em que venho trabalhando com a Educação Infantil tenho pensado muito na minha prática e ao elaborar este trabalho as inquietações tomaram proporções ainda maiores.

O primeiro fato que preciso destacar é que antes de trabalhar com essa modalidade de ensino eu não dava a devida importância para esta primeira etapa de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Randoline Evelyn de Assis Coutinho

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: "Reflexões sobre a própria prática na creche"

ORIENTADOR(A): Marianne Agida Grezes

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: LEA TIRIBEA

Nota: 10

Considerações:

Randoline Evelyn fez um histórico da Educação Infantil e dialogou com autores da atualidade que <sup>se</sup> dedicam ao tema da escola. Com base nestas referências (letras e textos), a aluna refletiu sobre suas práticas de professoras de evancos populares. Trata-se de um trabalho simples e honesto, cujo texto expressa as compromissos de Randoline Evelyn com os direitos de acesso à creches e pré-escolas e que as necessidades se constituem como eixo do projeto político pedagógico.

DATA: 15/07/2011

Assinatura: Lea Tiribeia

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: Adrianni Ogêda Guedes

Nota: 10

**Considerações:**

A monografia desenvolvida pela aluna  
Laroline Evelyn de Assis Coutinho se destaca  
pelo esforço em refletir sobre sua própria  
prática articulando com os estudos da  
área em foco. O trabalho revela um  
olhar crítico para o campo da Educação  
Infantil. A aluna investiga literatura  
atualizada e fez uma apresentação bem  
articulada das ideias.

Data: 15/03/2011 Assinatura: Adrianni Ogêda Guedes

**RESULTADO FINAL**

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Média final |
|-------------|-------------|-------------|
| 10          | 10          | 10          |

Rio de Janeiro, 15 de julho de 2011.

Adrianni Ogêda Guedes

Prof. Orientador